

LEITURAS MARXISTAS DE CAIO PRADO JÚNIOR: BREVES APONTAMENTOS

Luiz Bernardo Pericás¹

RESUMO: O artigo faz breves apontamentos sobre leituras marxistas da obra de Caio Prado Junior, reconstituindo historicamente a própria recepção do pensamento de Marx no Brasil, dado que cada autor marxista viveu e escreveu de acordo com o que se conhecia da obra do pensador alemão no Brasil – ou já publicada primeiramente na Europa – desde o início do século XX.

Palavras-chave: Caio Prado Junior. Marxismo. Socialismo.

Certa vez, em entrevista, Carlos Nelson Coutinho afirmou que Caio Prado Júnior “não conhecia bem o marxismo”². Para ele, “o estoque de categorias marxistas” que CPJ utilizava não seria muito rico, já que, entre outras coisas, nunca teria citado Gramsci e só mencionado Lenin “com pouca frequência”³. Seria possível perceber facilmente, ainda segundo Coutinho, que era escassa a familiaridade do historiador paulista tanto com a obra de Marx como com a dos marxistas posteriores, sugerindo que o autor de *O mundo do socialismo* teria assim, basicamente, “intuído” os traços principais da evolução

¹ Professor do Departamento de História Econômica da Universidade de São Paulo e do Programa de Pós-Graduação em História Econômica (USP).

² Ver entrevista de Carlos Nelson Coutinho a Néstor Kohan, em Néstor Kohan, *De Ingenieros al Che: ensayos sobre el marxismo argentino y latinoamericano* (Havana, Instituto Cubano de Investigación Cultural Juan Marinello, 2008), p. 361.

³ Ver Carlos Nelson Coutinho, “Uma via ‘não-clássica’ para o capitalismo”, em Maria Angela D’Incao (org.), *História e ideal*, cit., p. 116.

brasileira⁴. Já Guido Mantega chegou a dizer que “não existem evidências ou citações que indicassem que Caio Prado Júnior conhecesse as obras de Lenin”⁵.

O fato é que CPJ possuía boa parte das obras do dirigente bolchevique em sua biblioteca, visitou a União Soviética duas vezes e leu uma quantidade significativa de clássicos do cânone marxista ainda na juventude. De qualquer forma, o que alguns críticos talvez não tenham compreendido é que um autor não é mais ou menos marxista pelo número de citações que faz de teóricos socialistas, mas pela correta aplicação do *método* (CPJ chegou a criticar Coutinho nesse sentido⁶).

A literatura marxista demorou a chegar ao Brasil. Depois da Revolução Russa certamente aumentou o influxo de obras sobre temas correlatos, vindas em grande parte da Europa, da Argentina, do Chile ou do México. O *Manifesto Comunista*, por exemplo, só seria traduzido em nosso país na década de 1920. O que se podia encontrar no Brasil

⁴ Ver entrevista de Carlos Nelson Coutinho a Néstor Kohan, em Néstor Kohan, *De Ingenieros al Che*, cit., p. 361. É bem verdade que o mesmo Coutinho diria: “Seria pretensão mesquinha e ridícula submeter Caio Prado a um exame de marxismo. O registro é feito aqui não tanto para indicar os limites de sua produção, que certamente existem, mas sobretudo para sublinhar sua criatividade e os seus extraordinários méritos pioneiros enquanto intérprete marxista da história brasileira. Nesse terreno, as categorias marxistas de que Caio dispunha – e muitas das quais ele inventou – permitiram-lhe chegar, na maioria dos casos, a análises lúcidas, fecundas e quase sempre justas. [...] O desconhecimento de noções como a de ‘via prussiana’ ou ‘revolução passiva’ tampouco foi obstáculo à formulação de contribuições definitivas para a compreensão dos processos e modalidades de modernização conservadora ocorridos no Brasil. Pode-se mesmo dizer que, graças ao aporte da experiência específica do Brasil e da América Latina, Caio Prado contribuiu para o enriquecimento do próprio conceito marxista de ‘vias não-clássicas’ para o capitalismo”. Ver Carlos Nelson Coutinho, “Uma via ‘não clássica’ para o capitalismo”, cit., p. 117.

⁵ Ver Guido Mantega, “Marxismo na economia brasileira”, em João Quartim de Moraes (org.), *História do marxismo no Brasil: os influxos teóricos* (Campinas, Editora da Unicamp, 2007, pág. 110).

⁶ Caio diria a Coutinho, em carta, sobre um de seus trabalhos: “A principal observação que tenho a fazer relativamente a seu trabalho é que você não apanhou ainda inteiramente o que significa a ‘aplicação’ do método marxista. Aplicar um método de interpretação à pesquisa histórica não consiste em partir de premissas teóricas, e deduzir daí a interpretação. O que o marxismo nos oferece é um método de indagação, de procura dos fatos históricos. O historiador tem de sempre escolher os fatos de que irá se ocupar, pois é impossível tratar de todas as ocorrências do passado. Além disso, o historiador precisa destacar os fatos mais importantes e fundamentais. É nisso, nessa escolha, que intervém a diretriz do método. O método permite ao historiador selecionar aqueles fatos de maior interesse, de maior significação. Em seguida, torna possível sintetizar esses fatos, sistematizá-los em conjunto, apontando suas relações./ É isso que o método, e em particular o método marxista, oferece ao historiador. Mas não pode dispensar os fatos, não os supre. A história se faz com fatos, e é de fatos que o historiador deve partir. E esses fatos, ele não os encontra, nem pode encontrá-los, no método. Tenho a impressão, salvo engano de minha parte, que você não assimilou ainda perfeitamente esse ponto. Tanto que dedica aos ‘fatos’ da Revolução de 1798 uma parte insignificante do seu trabalho. E declara mesmo que não é objeto desse trabalho a ‘narrativa’ dos fatos. Ora, em que consiste um trabalho de história, senão numa ‘narrativa’? É certo que há muitas maneiras de ‘narrar’ um mesmo acontecimento. Você, como marxista que é, conforme declara, há de narrar a Revolução de 1798 de maneira diferente de um historiador que se guia pelos modelos clássicos. Mas será sempre uma ‘narrativa’. E é essa narrativa marxista da Rev. de 1798 que você deveria ter feito. E estou certo que o faria, faria muito bem. Em vez disso, você preferiu fazer uma exposição teórica com base nos textos de Marx, sobre generalidades, para ‘comprimir’ a narrativa dos fatos num último e pequeno parágrafo de seu trabalho”. Ver carta de Caio Prado Júnior a Carlos Nelson Coutinho, São Paulo, 8 de fevereiro de 1960, no acervo de Caio Prado Júnior, IEB/USP.

até então eram basicamente *divulgadores* do marxismo, ainda que alguns poucos tenham tentado aplicar, de forma pioneira (e com méritos, deve-se admitir), o materialismo histórico já naquela época, como Mário Pedrosa, Lívio Xavier, Octávio Brandão e Leôncio Basbaum, embora se conheçam as limitações das obras desses autores⁷.

As diferentes interpretações pioneiras certamente tiveram importância para abrir caminho para as análises marxistas no Brasil, mas também explicitavam graves deficiências teóricas e falta de conhecimento mais profundo sobre o materialismo histórico. Os autores, por vezes, não tinham uma formação política sólida ou *background* acadêmico, e reproduziam acriticamente as fórmulas e os remédios da Internacional Comunista. E os problemas de formação desses intelectuais também se deviam, *em parte*, à falta de uma bibliografia específica disponível no país. Como o próprio Caio Prado Júnior disse, referindo-se ao momento imediatamente posterior à sua saída do Partido Democrático (PD) “procurei aqui em São Paulo alguns livros de Marx, como *O capital*, e não pude encontrar. Ninguém nas livrarias sabia o que era isso”⁸.

Eram poucos os militantes que tinham conhecimentos profundos do marxismo. Não só as obras que chegavam ao Brasil (traduções em francês, inglês ou espanhol)⁹ eram escassas, como se caracterizavam, em boa medida, como trabalhos de divulgação. Alguns autores, porém, eram praticamente leitura obrigatória, pelo menos entre os dirigentes. Lenin era um deles. Vários de seus trabalhos, como *O Estado e a revolução*, *Que fazer?*, *Esquerdismo, doença infantil do comunismo*, *A democracia burguesa e a ditadura proletária*, *Os problemas do poder dos soviéticos*, *Os bolcheviques e os camponeses*, *A revolução proletária e o renegado Kautsky* eram conhecidos e circulavam entre alguns

⁷ Para mais informações sobre o panorama geral dos primórdios do marxismo no Brasil, tanto antes como durante as primeiras duas décadas após a Revolução Russa, ver Evaristo de Moraes Filho, “A proto-história do marxismo no Brasil”, em João Quartim de Moraes e Daniel Aarão Reis (orgs.), *História do marxismo no Brasil: o impacto das revoluções* (Campinas, Editora da Unicamp, 2007), v. 1, p. 11-49; e Marcos Del Roio, “O impacto da revolução russa e da Internacional Comunista no Brasil”, em João Quartim de Moraes e Daniel Aarão Reis (orgs.), *História do marxismo no Brasil*, cit., v. 1, p. 51-107. Para mais informações, ainda que resumidas, de alguns pioneiros do marxismo no Brasil, ver Ângelo José da Silva, “Tempo de fundadores”, em João Quartim de Moraes e Marcos Del Roio (orgs.), *História do marxismo no Brasil: visões do Brasil* (Campinas, Editora da Unicamp, 2007), v. 4, p. 135-59.

⁸ Ver Caio Prado Júnior, citado em Paulo Teixeira Iumatti, *Caio Prado Jr., uma trajetória intelectual*, cit., p. 143.

⁹ Para mais informações sobre a literatura marxista no Brasil, ver Edgard Carone, “O marxismo no Brasil, das origens a 1964”, em Lincoln Secco e Marisa Deaecto (orgs.), *Edgard Carone: leituras marxistas e outros estudos* (São Paulo, Xamã, 2004), p. 17-74.

núcleos do partido, embora fossem editados no exterior¹⁰. Caíto, portanto, não sentiria dificuldades em obter e ler esse material.

Por sua situação econômica, ele certamente terá mais condições de superar essa defasagem do que a maioria dos militantes. Meses após entrar para o PCB, adquiriu *O capital*; as obras políticas, econômicas e filosóficas dos pais do materialismo histórico; *Herr Vogt*; e a correspondência de Marx e Engels¹¹. Do momento em que ingressou no partido até a viagem que fez à União Soviética, também leu livros de Stalin, Trotski, Béla Kun, Rosa Luxemburgo, Georges Sorel, Lozovsky e Riazanov (comprava muitas dessas obras remetendo dinheiro diretamente ao Bureau d'Éditions do PCF, que lhe enviava periodicamente o material encomendado)¹². Poucos anos mais tarde, recomendou, numa enquete da *Revista Acadêmica*, do Rio de Janeiro (fundada em 1933 e encabeçada por Murilo Miranda e Moacir Werneck de Castro), alguns autores e livros que representavam “uma sólida bagagem, pelo menos inicial, para quem pretende um conhecimento do socialismo” e que “são facilmente encontrados à venda, e em regra, figuram nas bibliotecas públicas do Brasil”, como Anton Merger e seu *L'État socialiste*; Plekhanov e *Princípios fundamentais do marxismo*; Bukharin e *Tratado de materialismo histórico*; Lapidus e Ostrovitianov, *Princípios de economia política*; e, finalmente, Lenin e seus *O Estado e a revolução* e *Imperialismo, etapa superior do capitalismo*¹³.

Ao longo dos anos, a biblioteca pessoal de Caio Prado Júnior iria crescer. No Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, onde seu acervo está guardado, há em torno de 16 mil itens (uma parte dos quais de livros marxistas ou de experiências socialistas, e o restante, outros tipos de material, como revistas e jornais¹⁴).

¹⁰ Ver, por exemplo, Octávio Brandão, *Combates e batalhas*, cit., v. 1, p. 218-20, 231-2. Sandro Vaia, em sua biografia de Armênio Guedes, comenta o primeiro encontro entre João Falcão e Guedes, em março de 1938, quando este emprestou ao colega que acabava de ingressar no partido o *Manifesto Comunista*, *Fundamentos do leninismo*, *Materialismo histórico e materialismo dialético*, de Stalin e o *ABC do comunismo*, de Bukharin. Ver Sandro Vaia, *Armênio Guedes: sereno guerreiro da liberdade* (São Paulo, Barcarolla, 2013), p. 30-1.

¹¹ Para uma boa descrição do ambiente cultural e literário marxista naquele período, e os livros que CPJ leu na época, ver Lincoln Secco, *Caio Prado Júnior, o sentido da revolução*, cit., p. 35.

¹² Ver Paulo Henrique Martinez, *A dinâmica de um pensamento crítico*, cit., p. 82.

¹³ Ver carta de Caio Prado Júnior à *Revista Acadêmica*, São Paulo, 20 de novembro de 1934, no acervo de Caio Prado Júnior, IEB/USP, código de referência CPJ-CP224. Os títulos são apresentados aqui da forma utilizada por Caio na ocasião.

¹⁴ Depoimento de Maria Cecília Naclério Homem ao autor, janeiro de 2011, e também segundo Maria Itália Causin, responsável pela biblioteca de CPJ no IEB/USP. Ver Maria Itália Causin, depoimento a Luiz Bernardo Pericás, junho de 2015.

De fato, Caio Prado Júnior conhecia bem as experiências socialistas, tanto por textos como por viagens, e o arcabouço teórico dos autores marxistas mais importantes. Em sua biblioteca, é possível encontrar mais de oitenta obras apenas sobre a URSS, assim como dezenas de outras que discutiam os casos de Cuba, Polônia, Tchecoslováquia, Hungria, Iugoslávia e China.

É verdade que sua coleção “marxista” era menor do que a “brasileira”. E que estão ausentes livros importantes. Mas ele leu alguns dos principais nomes do pensamento de esquerda do século XX, como Eric Hobsbawm, Rosa Luxemburgo, Herbert Marcuse, Fidel Castro, Che Guevara, Juan Marinello, Blas Roca, Jean-Paul Sartre, Paul Sweezy, Chou En-lai, Mao Tsé-tung, Vittorio Codovilla, Rodolfo Ghioldi, Michael Löwy, Harry Magdoff, José Carlos Mariátegui, J. Posadas, Max Beer, Charles Bettelheim, Rodolfo Mondolfo, Milovan Djilas, Josip Broz Tito, Béla Kun, Antonio Gramsci, Palmiro Togliatti, György Lukács, Louis Althusser, Héctor Agosti, Rodolfo Puiggrós e Ernest Mandel, entre outros.

Dirigentes e intelectuais do PCB também estavam presentes em suas leituras, como Leôncio Basbaum, Gregório Bezerra, Octávio Brandão, Elias Chaves Neto, Everardo Dias, Rui Facó, Jacob Gorender, Heitor Ferreira Lima, Carlos Marighella, Osvaldo Peralva, Astrojildo Pereira e Luiz Carlos Prestes, só para citar os mais importantes. O autor marxista brasileiro do qual ele possuía maior número de títulos em seu acervo era Nelson Werneck Sodré: quatorze livros ao todo.

O historiador paulista acompanhava os acontecimentos do movimento operário e do mundo socialista por meio de dezenas de revistas e jornais. Na hemeroteca caiopradiana, encontram-se exemplares de *A Classe Operária*, *A Plebe*, *A Voz Operária*, *Artes*, *Bloco*, *Boletim Interno do PCB*, *Brasil Democrático*, *Démocratie Populaire*, *Emancipação*, *Folha Socialista*, *Frente Operária*, *Hora do Povo*, *Imprensa Popular*, *Jornal da Independência*, *Jornal das Trincheiras*, *Jovem Proletariado*, *L'Humanité*, *La Correspondence Internacional*, *La Correspondance Internationale*, *La Correspondencia Internacional*, *Le Journal de Moscou*, *Liberdade*, *Los Partidarios de la Paz*, *Luta Estudantil*, *Magazine de Hoy*, *Manifesto Ecológico Brasileiro*, *Marcha*, *Nossa Tribuna*, *Nossa Voz*, *Notícias Censuradas*, *O Camponês*, *O Capital*, *O Estudante*, *O Movimento*, *O Pasquim*, *O Separatista*, *Opinião*, *Opinião Jornal*, *Paix et Démocratie*, *Por uma Democracia Popular*, *Por una Paz Duradera*, *Pour une Paix Durable*, *Resenha Literária*, *Resistência*, *São Paulo pela Paz*, *Novos Rumos*, *Terra Livre*, *Tribuna Popular*, *Unidad*

(*La Paz*), *Unidad (Lima)*, *Unidade*, *Vanguarda Proletária*, entre outros¹⁵. Ele começou a receber a revista francesa *Problèmes de la Paix et du Socialisme* a partir de 1961, diretamente do Département “Livres et Disques” da Agence Littéraire et Artistique Parisienne pour les Échanges Culturels, de Paris¹⁶. Já a assinatura da *New Leader*, publicação da American Labor Conference “devotada a combater o totalitarismo e as forças ditatoriais”, foi presente de “um grupo de amigos [não especificado] do movimento sindical e outras organizações progressistas”¹⁷.

Alguns teóricos marxistas serão mencionados esporadicamente em cartas ou livros, como Lukács, pelo qual CPJ tinha o maior “apreço”; Stalin, que chegou a ser citado favoravelmente como uma autoridade sobre a Rússia soviética¹⁸; e Althusser, o qual criticou duramente em um longo ensaio¹⁹.

No caso de Lukács, Caio Prado Júnior deve ter tido os primeiros contatos com sua obra na segunda metade dos anos 1940 ou começo dos anos 1950. Vale recordar que dois amigos próximos de Caíto se envolveriam com os textos lukacsianos naquele período, e alguma influência, mesmo que indireta, pode ter sido exercida por eles. Nelson Werneck Sodré conheceu os trabalhos do filósofo húngaro provavelmente em 1949, em edições francesas e italianas²⁰. Se de início talvez não o tivesse absorvido totalmente, mais tarde incorporaria muitas das ideias dele em textos seus, como na terceira edição (de 1960) de *História da literatura*²¹. Já Leôncio Basbaum, que travou amizade com CPJ em agosto de 1943 por meio de cartas²², também lia aquele autor, incluindo uma de suas obras

¹⁵ Lista da hemeroteca socialista caiopradiana preparada pela historiadora Maria Cecília Naclério Homem.

¹⁶ Ver carta de Gisèle Mollier a Caio Prado Júnior, Paris, 12 de setembro de 1961, no acervo de Caio Prado Júnior, IEB/USP, código de referência CPJ-CP-ALAP001.

¹⁷ Ver carta de S. M. Levitas a Caio Prado Júnior, Nova York, s. d., no acervo de Caio Prado Júnior, IEB/USP, código de referência CPJ-CP-NL001.

¹⁸ Ver Caio Prado Júnior, *URSS, um novo mundo*, cit., p. 204-6.

¹⁹ Ver idem, “O marxismo de Louis Althusser”, em *O estruturalismo de Lévi-Strauss/ O marxismo de Louis Althusser* (São Paulo, Brasiliense, 1971), p. 71-108.

²⁰ De acordo com Paulo Ribeiro da Cunha, *Um olhar à esquerda* (Rio de Janeiro, Revan, 2002), p. 239. Em entrevista, Sodré diria: “A minha sala, na Escola de Estado-Maior, ficava ao lado da Biblioteca, e a Biblioteca era muito boa, particularmente em livros latino-americanos, em livros espanhóis sobre a América espanhola, pois fora doada pelo general Tasso Fragoso, que tinha sido adido militar na Argentina, e deixou a biblioteca para a Escola de Estado-Maior. Eu passava grande parte do tempo na biblioteca e lia muito. Eu lia muitos livros de História e livros marxistas [...] Eu lia muito e lia em línguas estrangeiras. Eu conheci Lukács em italiano. Ele tinha obras em francês e italiano. Eu lia Lukács em italiano e em francês. Eu penso que fui dos primeiros aqui, senão o primeiro, a estudar Lukács”. Ver Paulo Ribeiro da Cunha, *Um olhar à esquerda*, cit., p. 239-40.

²¹ *Ibidem*, p. 240.

²² Em carta datada de 12 de agosto de 1943, Basbaum diria ao “senhor” Caio Prado Júnior: “Não tenho prazer de conhecê-lo pessoalmente, do mesmo modo que o sr. certamente nunca ouviu falar no meu nome. Mas creio que isso não seja realmente um obstáculo para lhe oferecer um exemplar do meu livro *Los fundamentos del materialismo*, que acaba de ser editado na Argentina”. E conclui: “O que me levou a remeter-lhe esse

citada em *Sociologia del materialismo* (que em sua primeira edição teria o título *Fundamentos do materialismo*).²³ Não custa fazer também a conexão com o antropólogo italiano Tullio Seppilli, que pode ter influenciado o historiador paulista. Numa correspondência, datada de 18 de dezembro de 1953, Seppilli comenta: “Aqui na Itália está havendo bastante discussões sobre as obras de teoria estética marxista de Lukács. Foi traduzido algo dele no Brasil? Em geral aqui como na Hungria nossa posição é de um modo geral positiva se bem que com bastante críticas”²⁴. Caio acompanhava a revista *Problemas da Paz e do Socialismo* e conhecia o texto de Béla Fogarasi “As concepções filosóficas de Georg Lukács”, da edição de número 4, de 1959. Além disso, dois artigos publicados na *Revista Brasiliense* mencionavam o intelectual húngaro ou utilizavam o “método” lukacsiano: “Dissertação sobre a sociologia do conhecimento de K. Mannheim”, de José Chasin, e “Consciência de classe e partido revolucionário”, de Michael Löwy, ambos, por certo, lidos pelo autor de *O mundo do socialismo* (este último faria uma “síntese teórica”, abordando a consciência de classe como “possibilidade efetiva” e discutindo o Partido Comunista na questão organizacional).²⁵ Isso para não falar de sua relação epistolar, a partir dos anos 1960, com Carlos Nelson Coutinho, um pioneiro da obra do filósofo no Brasil. De qualquer forma, apenas dois livros de Lukács constam atualmente da biblioteca de CPJ: a edição francesa de 1948 de *Existencialismo ou marxismo?* e *Estética*, publicada em 1967 pela Grijalbo, da Espanha.

As concepções e posições de Louis Althusser, por seu lado, eram consideradas “profundamente deformadoras do marxismo” por Caio²⁶. O autor de *História econômica do Brasil* era mais um que se inseria no debate contra as ideias althusserianas. Os críticos mais ácidos do autor de *A favor de Marx* talvez tenham sido, na época, o filósofo polonês Leszek Kolakowski e o historiador britânico E. P. Thompson.

Um texto especialmente duro escrito por Kolakowski foi publicado em 1971 no *Socialist Register*. No artigo, o então Senior Research Fellow da All Souls College, de Oxford, fazia diversas acusações à teoria althusseriana, que, para ele, era construída a

livro, que aliás ainda não está a venda nas livrarias, foi o fato de ter apreciado profundamente o seu recente trabalho *Formação do Brasil contemporâneo*”. Ver carta de Leôncio Basbaum a Caio Prado Júnior, Rio de Janeiro, 12 de agosto de 1943, no acervo de Caio Prado Júnior, IEB/USP, código de referência CPJ-CP-BAS001.

²³ Ver correspondência de Hersch Basbaum a Luiz Bernardo Pericás, maio de 2008.

²⁴ Ver carta de Tullio Seppilli a Caio Prado Júnior, Roma, 18 de dezembro de 1953, no acervo de Caio Prado Júnior no IEB/USP, código de referência CPJ-CP-SEP001.

²⁵ Ver Michael Löwy, “Consciência de classe e partido revolucionário”, in *Revista Brasiliense*, No. 41, maio-junho de 1962, p. 138-160.

²⁶ Ver Caio Prado Júnior, *O estruturalismo de Lévi-Strauss/ O marxismo de Louis Althusser*, cit., p. 9.

partir de banalidades e senso comum, expressos por neologismos “complicados” e desnecessários. Se o próprio Marx deixara alguns conceitos vagos e ambíguos, a tentativa de Althusser de decodificá-los teria fracassado: em última instância, continuariam tão vagos e ambíguos como antes. Além disso, mostraria algumas inexatidões históricas do *counterpart* franco-argelino. O marxismo “estruturalista”, para Kolakowski, portanto, não podia ser considerado “científico”, mas, quiçá, uma ideologia “quase religiosa”.

Igualmente refratário a tais ideias foi Thompson em seu *A miséria da teoria*. No livro, atacou o que designou de “teatro de Althusser”, neste incluídos tanto as analogias do autor de *Montesquieu: a política e a história*, como seu “jogo de palavras”. O historiador britânico investiu contra o uso dos conceitos althusserianos, as “formulações intermináveis” e a “tortura teórica” empreendida pelos estudiosos de sua linha, a “linguagem” do estruturalismo e até mesmo sua interpretação do pensamento marxiano. Numa postura que parecia ecoar a de CPJ, Thompson diria:

os teóricos de hoje estão em posição muito diferente. Em primeiro lugar, estão mais segregados do que nunca em relação à prática; trabalham dentro de instituições complexamente estruturadas, segundo horários e programas; sua informação é obtida menos da observação (exceto por incursões “no campo”) e mais na forma da G II ou G III de Althusser; seu conhecimento do mundo é composto, cada vez mais, em suas cabeças ou suas teorias, por meios que não os da observação. Estão cercados, por todos os lados, por “estruturas”. Até mesmo suas universidades (e em especial as novas) não são manifestações arquitetônicas, mas estruturas, com bases subterrâneas visitadas apenas pelos proletários carregadores e homens que trabalham nas caldeiras, com a economia e as ciências sociais nos dois primeiros andares, e filosofia e literatura, que só podem ser alcançadas pelo elevador, em níveis muito superiores.²⁷

De qualquer forma, para ele,

²⁷ Ver E. P. Thompson, *A miséria da teoria, ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser* (Rio de Janeiro, Zahar, 1981), p. 123.

devemos pôr a teoria para trabalhar, e podemos fazê-lo tanto interrogando as evidências (pesquisa) como interrogando a historiografia e outras teorias (crítica); ambos os métodos foram os mais comumente empregados por Marx. A prática teórica que rejeita o primeiro procedimento (“empirismo”) e reduz o segundo a uma caricatura ao medir todas as outras posições pelo confronto com sua própria ortodoxia preestabelecida, não prova coisa nenhuma, exceto a autoestima de seus autores. O projeto da Grande Teoria – encontrar uma conceituação total sistematizada de toda história e situações humanas – é a heresia original da metafísica contra o conhecimento.²⁸

No Brasil, diversos estudiosos se debruçaram sobre os escritos de Althusser (entre apoiadores, difusores e críticos), como Carlos Henrique Escobar, Alberto Coelho de Souza, José Arthur Giannotti, Ruy Fausto, Fernando Henrique Cardoso, Paulo Silveira, Carlos Nelson Coutinho e, é claro, também Caio Prado Júnior.

Para este último, “o que menos pode-se dizer de Althusser é sua originalidade, direi mesmo extravagância, de tão aberrante do ordinário e corrente é sua interpretação do marxismo, e tão insólita a maneira como vê esta questão central da Filosofia que é a do problema do conhecimento”²⁹. De acordo com o intelectual paulista, Althusser era “extremamente impreciso no estilo [...] e na formulação do pensamento”, possuía “insuficiências pedagógicas”, em vários momentos apenas “divagava” em torno de determinado assunto (sem arredar um passo da simples proposição do problema) e algumas de suas proposições não passavam de “banalidades” (nesse caso, em *Ler O capital*), além de utilizar “obscuras palavras” para mostrar, em relação à sua contribuição epistemológica, “que de fato nada tem de concludente a dizer a propósito do problema que segundo ele mesmo reconhece, como vimos, condiciona a própria existência do

²⁸ Ibidem, p. 126.

²⁹ Ver Caio Prado Júnior, *O estruturalismo de Lévi-Strauss/ O marxismo de Louis Althusser*, cit., p. 73.

conhecimento”³⁰. Segundo Caio, Althusser dava todas as mostras de que era, de fato, um estruturalista, mesmo que se recusasse a aceitar essa designação³¹. Por outro lado,

para nós o caminho é outro e bem distinto. O que para A. constitui um simples “jogo de palavras” da Filosofia clássica com o seu empirismo, jogo de palavras que se trataria de desfazer, é para o Marxismo, com a sua *Dialética*, da própria natureza da Metafísica (que é a inspiradora e constitui a substância da Filosofia clássica) e que precisamente a Dialética vem substituir. Assim sendo, a Dialética marxista não parte das posições da Metafísica, como faz A., e de suas incongruências procura extrair a solução do problema do conhecimento. Deixa a Metafísica de lado, e não afirma, como ela (mesmo que seja em seguida para contornar a afirmação, como faz A. na tese que coloca, como vimos, no início de suas considerações), que o *conhecer consiste em abstrair do objeto real sua essência cuja posse pelo sujeito é então tida como conhecimento*. Para a Dialética marxista, materialista que é, o objeto do conhecimento é o objetivo real, isto é, são as feições da realidade objetiva que é o Universo em que o indivíduo pensante, o Homem, vive, exerce suas atividades, e de que participa. E que portanto necessita conhecer, ou antes, *conhece* no exercício natural e espontâneo desta sua função orgânica que é o pensamento elaborador do conhecimento. Conhecimento este com o qual regula

³⁰ Ibidem, p. 74-85.

³¹ Ele dirá: “Na edição Maspero de *Lire le Capital* (que estamos aqui utilizando), A. se defende categoricamente da incriminação de estruturalista de que foi tachado, e continua a sê-lo (L. C., *Advertissement*). Mas não há dúvida de que estas suas concepções, que acabamos de passar em revista, são muito afins das do Papa do estruturalismo, Lévi-Strauss. Não se trata, como pretende A., de simples coincidência terminológica. Porque esta coisa de A., de uma ‘estrutura’ que se manifesta através dos indivíduos pensantes que seriam simples ‘agentes’ do pensamento configurado naquela estrutura, e agentes a cada um dos quais a mesma estrutura atribui (*assigne*) o lugar e função próprios na produção do conhecimento, isto se parece muito, muito mesmo, com as estruturas lévi-straussianas que condicionam e determinam os modos de agir, de pensar e de sentir dos homens e das sociedades que eles compõem./ Mas isto de identificação ou não de A. com o estruturalismo é a meu ver sem maior importância, a não ser pelo fato que A., negando sua filiação estruturalista, mas não se aproveitando da oportunidade para reformular melhor o ponto essencial da sintomática estruturalista de sua obra, e fonte da confusão verificada (segundo o autor), que é aquela a que acabamos de nos referir, evidentemente confirma *in totum* as formulações a respeito, tais quais as apresenta. Formulações estas que situam A. num plano subjetivista e idealista”. Ver Caio Prado Júnior, *O estruturalismo de Lévi-Strauss/ O marxismo de Louis Althusser*, cit., p. 82.

seu comportamento relativamente ao meio físico e social em que decorre sua existência e de que participa.³²

Carlos Nelson Coutinho chegou a escrever a Caio, na tentativa de publicar seu livro sobre o mesmo tema pela Brasiliense. Comentou:

Através de um amigo em comum, soube que o Sr. concluiu e deverá publicar proximamente um livro contra o estruturalismo e contra Marcuse. Fiquei bastante satisfeito em sabê-lo contrário à “moda estruturalista”, tão viva hoje, infelizmente, mas compreensivelmente, em nosso País. Também eu, desde o início, compreendi os perigos dessa “moda” e tentei combatê-los. Neste sentido, escrevi um livro – intitulado *O estruturalismo e a miséria da razão* – que pretende ser uma crítica lukacsiana a essa corrente neopositivista contemporânea. Infelizmente, contudo, ainda não pude publicar o volume. Concluído em 1969, deveria aparecer em inícios de 1970 na Editora Paz e Terra, mas motivos alheios tanto à minha vontade quanto à da Editora impediram a sua publicação (o livro chegou até a ser anunciado). Em inícios de 1971, reescrevi o volume e entreguei-o à Editora Vozes, a única que aqui no Rio, atualmente, continua a publicar um certo tipo de livros. Após um longo período de seis meses, devolveram-me o manuscrito: embora considerado de “alto valor” e outras tolices do gênero, o livro fora recusado por ser “nitidamente marxista” e por “ir de encontro à linha comercial-editorial” da Empresa (os termos entre aspas são do parecer de leitura que me foi encaminhado junto com os originais).

Diante disso, procurei o Prof. Anatol Rosenfeld, aí em São Paulo, na tentativa de incluir o volume na Editora Perspectiva. Todavia, a publicação parece-me difícil. Em primeiro lugar, o livro entra em choque com a posição (neopositivista e estruturalista) de certos elementos do Conselho Editorial da Perspectiva; em segundo, já havia entregue à mesma Editora um volume de ensaios literários (sobre Lukács, Proust e Kafka) e é bastante difícil que a Perspectiva venha a publicar quase simultaneamente dois livros de minha autoria (o Prof. Anatol Rosenfeld falou-me claramente sobre as dificuldades). Por outro lado, mesmo que o livro venha a ser aprovado, talvez a sua publicação só possa ocorrer em 1973, dado o grande número de textos já programados.

³² Ibidem, p. 92-3.

Pensei então na possibilidade de publicá-lo na Brasiliense. Estou previamente consciente de que não será fácil a uma editora como a Brasiliense, cuja produção não é muita intensa, publicar com uma pequena diferença de tempo dois livros similares. Todavia, como os nossos dois manuscritos são os únicos trabalhos até agora escritos no Brasil contra essa orientação equivocada, talvez sua publicação quase conjunta possa contribuir para restaurar o debate cultural tão exangue atualmente. Na verdade, o estruturalismo não apenas dominou parcelas altamente significativas de nossa intelectualidade (particularmente universitária), como tem apresentado nos últimos tempos um quase monopólio sobre a indústria editorial; basta pensar na programação da Vozes, da Perspectiva, da Cultrix, que são as editoras atualmente predominantes entre nós. Assim, tenho a impressão – embora possa naturalmente se tratar de uma impressão “interessada” – que a publicação simultânea de dois livros contra o estruturalismo, além das vantagens propriamente culturais e ideológicas, não seria também desastrosa do ponto de vista comercial.³³

Como se sabe, *O estruturalismo e a miséria da razão* não sairia pela editora do colega paulista³⁴. Coutinho adquiriu mais tarde o livro do historiador e, em relação a ele, afirmou:

Li, com o maior interesse, o seu pequeno livro sobre Lévi-Strauss e Althusser. Constatei que, apesar de muitos pontos em comum, não é o mesmo o ponto de vista a partir do qual criticamos o estruturalismo. Baseado nas formulações do último Lukács, procuro contrapor ao epistemologismo estruturalista uma perspectiva ontológica; a meu ver, o que distingue a razão formal (ou “metafísica”) da Razão dialética, o estruturalismo (ou neopositivismo em geral) do autêntico marxismo, é precisamente o fato de que a segunda explicita as determinações do próprio ser enquanto a primeira é puramente formal e subjetiva. Em suma, uma discussão sobre os problemas que seu livro levanta implicaria num exame mais longo – e que, infelizmente, não pode ser feito numa carta – dos fundamentos filosóficos da Dialética do Conhecimento. Escrevi sobre o

³³ Ver carta de Carlos Nelson Coutinho a Caio Prado Júnior, Rio de Janeiro, 5 de novembro de 1971, no acervo de Caio Prado Júnior, IEB/USP, código de referência CPJ-CP-COU005.

³⁴ Para mais informações sobre a trajetória do livro, ver nota do autor à segunda edição, em Carlos Nelson Coutinho, *O estruturalismo e a miséria da razão* (2. ed., São Paulo, Expressão Popular, 2010). Vale mencionar aqui o esclarecedor “Posfácio”, de José Paulo Netto, em *ibidem*, p. 233-86.

Estruturalismo e marxismo etc. uma pequena resenha, que deverá sair proximamente – anônima – na revista *Visão*, para cuja seção de livros colaboro regularmente. Tampouco nela, naturalmente, pude discutir – como desejaria e como seu livro merece – os problemas filosóficos que dividem a posição ontológica de Lukács (que eu adoto) e sua tendência a reduzir o marxismo a uma teoria do conhecimento. Espero ter um dia a oportunidade de encaminhar-lhe essa discussão com mais vagar. Mas, acima de qualquer divergência teórica, parece-me fundamental que se tenha finalmente rompido o monopólio estruturalista entre nós, o qual, como seu livro coloca tão bem, serve pura e simplesmente às forças do atraso e da reação. Parabéns pela sua coragem e muito obrigado pelo grande serviço que, mais uma vez, o Sr. vem de prestar à cultura brasileira.³⁵

Ainda assim, há quem diga que o texto de Caio Prado Júnior foi o que menos teve repercussão e influência nos debates sobre o autor de *Lenin e a filosofia* no país³⁶. Para Luiz Eduardo Motta, a posição crítica de CPJ em relação a Althusser convergiria tanto com a Escola Sociológica paulista (FHC, seguindo os passos de Giannotti), como com a de vários intelectuais que eram, ou foram, vinculados ao PCB, como Nelson Werneck Sodré (que leu o livro de Caio “com a atenção que leio sempre o que você escreve” e considerava “sua análise excelente”)³⁷ e, ainda mais expressivos em suas críticas, Carlos Nelson Coutinho, Jacob Gorender e Leandro Konder. Caio, portanto, uniria, segundo Motta, tanto a oposição da USP ao pensamento althusseriano (somente defendido por Luiz Pereira) como também a dos comunistas, que se opunham, naquele contexto, às posições “revolucionárias” do período (a defesa da luta armada, por exemplo).

Para concluir, vale ressaltar aqui o aparente pouco interesse de Caio Prado Júnior por Antonio Gramsci. Ainda que estivesse cercado dos mais importantes pioneiros e estudiosos gramscianos da América Latina, como Héctor Agosti, Gregorio Bermann e Carlos Nelson Coutinho, que intercambiasses cartas com eles e, em alguns casos, tivessem estreitas relações de amizade, aparentemente não foi seduzido pela obra do comunista italiano. Pode ter lido vários livros do dirigente do PCI, mas em sua biblioteca só restaram três volumes: *Concepção dialética da história*, em edição de 1966, *Gramsci dans le texte*,

³⁵ Ver carta de Carlos Nelson Coutinho a Caio Prado Júnior, Rio de Janeiro, 6 de janeiro de 1972, no acervo de Caio Prado Júnior, IEB/USP, código de referência CPJ-CP-COU006.

³⁶ Depoimento de Luiz Eduardo Motta a Luiz Bernardo Pericás, setembro de 2013.

³⁷ Ver carta de Nelson Werneck Sodré a Caio Prado Júnior, Rio de Janeiro, 3 de março de 1972, no acervo de Caio Prado Júnior, IEB/USP, código de referência CPJ-CP-SOD005.

de 1975, e *Il risorgimento*, de 1952³⁸. Como está claro, um número reduzido de obras. Não custa especular, entretanto, que CPJ possa ter absorvido traços do ideário gramsciano através de fontes secundárias, mais notadamente da obra de Héctor Agosti, que utilizou suas categorias analíticas para examinar o caso da Argentina (ainda que isso não tenha se refletido em suas obras historiográficas iniciais). A primeira edição mundial em espanhol dos *Cadernos do cárcere* (apenas três anos após sua publicação em italiano) foi feita pela Editorial Lautaro, impulsionada pelo secretário de Cultura do PCA. E a apresentação da edição das *Cartas do cárcere*, em 1950, seria feita por ninguém menos que o amigo Bermann. Caio publicara pela Brasiliense o livro de Agosti sobre Ingenieros, pensador que, por sinal, em seu *Tiempos nuevos*, fazia referência ao *L'Ordine Nuovo*. É importante recordar, igualmente, que a primeira recepção produtiva de Gramsci na Argentina, nas palavras de Néstor Kohan, começa com *Echeverría*, lançado em 1951, que

não pretendia ser uma glosa redundante e pormenorizada de cada um dos escritos de Gramsci. Tampouco um manual introdutório de suas categorias. Pelo contrário, sua maior originalidade residia em que Agosti utilizava os conceitos analíticos do italiano para tentar compreender na forma imediata a cultura argentina de meados do século XIX encarnada na obra literária e política de Esteban Echeverría, e em forma imediata, as razões últimas da “impotência política da burguesia argentina” – segundo seus próprios termos – para emancipar a nação e suas classes populares e subalternas.³⁹

A partir de 1959, como afirma o mesmo Kohan, o autor de *El mito liberal* faria um duro ajuste de contas com sua própria tradição:

eram os tempos hegemônicos do desenvolvimentismo, do departamentalismo universitário, do neopositivismo filosófico e do antiensaísmo sociológico. Definindo então o liberalismo e o

³⁸ Ver Antonio Gramsci, *Concepção dialética da história* (Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1966); *Gramsci dans le texte* (Paris, Éditions Sociales, 1975); *Il risorgimento* (Turim, Einaudi, 1952).

³⁹ Ver Néstor Kohan, *De Ingenieros al Che*, cit., p. 191.

cosmopolitismo como “uma enganosa sugestão de modernidade”, Agosti tentava desmontar a pretensa identidade entre o liberalismo e a democracia que os intelectuais vinculados à “revolução” libertadora haviam pretendido construir.⁴⁰

Caio Prado Júnior certamente acompanhou a trajetória e o pensamento de Agosti ao longo dos anos, e é possível que o tenha de alguma maneira influenciado. Agosti também era caro a seu primo, Elias Chaves Neto, que muito provavelmente absorveu alguns traços do ideário gramsciano e pode ter discutido sua obra com Caíto.

De qualquer forma, alguns textos sobre Gramsci haviam sido publicados na revista *Problemas*, dirigida por Carlos Marighella (e, mais tarde, por Diógenes Arruda), os quais ele por certo leu. Os artigos de Palmiro Togliatti, “Antônio Gramsci” (que saiu no número 2, em setembro de 1947) e “Antônio Gramsci, chefe da classe operária italiana” (no número 25, em março e abril de 1950), colocavam o dirigente sardo no circuito de discussões dos leitores comunistas daquela publicação. E, claro, “Consciência de classe e partido revolucionário”, de Michael Löwy, editado na *Revista Brasiliense*, onde o jovem intelectual discutia o pensamento e ação do dirigente comunista italiano, dos “conselhos operários” até as “Notas sobre Maquiavel”, entrando na questão do partido (o “moderno príncipe”) e o papel das massas revolucionárias.⁴¹ Lincoln Secco afirma que antes de 1975 teriam sido publicados apenas 16 artigos e ensaios sobre Gramsci no Brasil; como se vê, uma quantidade de textos bastante reduzida.⁴² É verdade que na segunda metade dos anos 1960 seriam lançados alguns livros dele por aqui, pela Civilização Brasileira. Mas o material elaborado por Gramsci (ou sobre ele) em revistas e jornais em português, ainda assim, era muito limitado. O fato é que as discussões sobre o italiano ganhariam proeminência no país quando CPJ já se encontrava em plena maturidade (e mesmo na velhice). Na década de 1970, por exemplo, após sair da prisão, o historiador já estaria fora da militância política efetiva. E suas leituras, de maneira geral, não dariam prioridade ao teórico comunista italiano.

⁴⁰ Ibidem, p. 195.

⁴¹ Ver Michael Löwy, “Consciência de classe e partido revolucionário”, in *Revista Brasiliense*, No. 41, maio-junho de 1962, p. 138-160.

⁴² Ver Lincoln Secco, *Gramsci e o Brasil: recepção e difusão de suas idéias*, São Paulo, Cortez, 2002, p. 46.

RECEBIDO EM 10-03-2018

APROVADO EM 12-09-2018